

Da minha biblioteca

Luís Ene – Ene coisas



Adriana Nogueira

Classicista
Professora da Univ. do Algarve
adriana.nogueira.cultura.sul@gmail.com

Quando conheci pessoalmente Luís Ene (de Nogueira), não associei imediatamente o seu nome ao do autor do livro *Blogs* (que escreveu em parceria com Paulo Querido), editado por Centro Atlântico, em 2003, que tanto tinha ajudado os utilizadores que, então, se estavam a iniciar na blogosfera. Esta faceta que começo por referir é importante, na medida em que mostra o empenho que Luís Ene manifestou, desde cedo, pelo mundo virtual como suporte para a escrita literária. Ele próprio autor de vários blogues (que foi abrindo e fechando à medida que os projetos se iam completando), ainda mantém o «Ene Coisas» (luis-ene.blogspot.pt), onde podemos ler alguns dos seus poemas, micronarrativas, ensaios, destaques informativos, enfim, ene coisas.

O romance

Com *Justa Medida*, Luís Ene ganhou o 1º prémio do concurso Novos Talentos (da publicação eletrónica Educare.pt), o que lhe valeu ter o livro editado, em papel, pela Porto Editora, em 2002. Poder-se-ia dizer que é um policial (tem polícias, ladrões, advogados e tribunais), bem doseado com romance e reflexões de natureza moral e filosófica: «Repete-se a história, é verdade que há quem o diga, e quem o contradiga, como em tudo, a história não se repete, acredite-se, mas repetem-se as estórias, pelo menos na sua aparência redutora, que é como na maior parte das vezes são vistas e percebidas, por ligeireza, desconhecimento ou necessidade de abreviar» (p.102); «Aprendeu que o amor depende mais, senão apenas,

de quem ama, e não de quem é amado, uma vez que o amator inventa a coisa amada, pouco importando se ela existe ou não» (p.103). Uma narrativa no passado, focalizada nas personagens, que se vão abrindo perante o leitor, deixando que este (nós) veja o que se passa consigo, alterna com um narrador externo, que usa o presente do indicativo, fazendo-nos crer

que apenas descreve o que vê, numa aproximação do texto à linguagem dos guiões de cinema: «O interrogatório dura há várias horas, numa conversa de surdos-mudos. A sala, minúscula, sem janelas, mobilada apenas com uma cadeira, meticulosamente colocada ao centro, deve ser normalmente usada como sala de arrumações. A um canto vê-se um balde com



FOTOS: D.R.

O escritor Luís Ene é autor de vários Blogs ||

uma esfregona, conferindo uma nota bizarra ao ambiente. Uma cadeira, dois chuis, um suspeito e um balde com uma esfregona, intérpretes invulgares de um bailado minimalista» (p.19-20).

Foi um livro que, ao terminar de o ler, deixou logo saudades. Lembro-me de me ter apetecido continuar a conviver com aquelas personagens (até porque foram deixadas pistas em aberto). Acho que quando acabar de escrever esta crónica, vou relê-lo. Há livros assim, que nos viciam.

A microficção

Microficção, micronarrativa, microconto. Estes são os nomes por que são conhecidas as narrativas breves (algumas muito breves mesmo) que ocupam um lugar importante na criação literária de Luís Ene, que, sobre o assunto, escreveu também um ensaio intitulado «A microficção em Portugal, um género bastardo?». Parte do seu blogue «mil e uma pequenas histórias» (213 histórias, para ser mais precisa) também foi publicada em papel, com o mesmo título (por Leiturascom.net, em 2005), mas a totalidade continua disponí-

vel *online* (1000euma.blogspot.pt). Os textos variam muito de tamanho, sendo uns mais filosóficos que outros, uns mais humorísticos que outros, mais emotivos que outros. Em muitos, encontra-se o gosto pelo experimentalismo: como será escrever com poucas palavras? («45. Mudou do dia para a noite. Foi uma mudança indesejada. De dia estava vivo e à noite estava morto.» p.55); como será jogar com o som e com a grafia? («178. Foi sempre um homem mo10to e 10temido, 10ta maneira nunca se deixou 10truir e chegou = a si mesmo aos 40.» p.187); como será começar uma frase da mesma forma com que a frase anterior termina? («68. Personagem: ele. Ele ia. Ia pensando. Pensando na vida. Vida sem sentido. Sem sentido não é possível viver. Não é possível viver assim. Assim ia ele. Ele: personagem.» p.78). Num outro blogue, «Infinítésimo» (infinitesimo.blogspot.pt), explora as potencialidades deste recurso.

Tem outras publicações de microficção, mas destaco apenas esta que saiu em 2010, em edição Cão Danado: *Saudades de Água. Memórias de Faro*. Nesta

obra, fotografias antigas da cidade, a preto e branco, intercalam um texto de sensações, memórias, balanços: «O Ponto Preciso. Entre a tasca dos viveiristas e mariscadores e o quartel dos Bombeiros Voluntários, entre a vergonha e a alegria do encontro e da separação, é nesse ponto preciso que estamos e sempre estaremos. Entre o que foi e o que podia ter sido» (p.54). Na contracapa, confirma: «Aquilo que recordo não é o que aconteceu, mas aquilo que me aconteceu. Aquilo que recordo não é o que ontem foi, mas aquilo que ainda hoje é, em mim».

Para quem se quer aventurar neste tipo de criação, indica uma receita de como fazer aforismos, que aqui vos deixo: «De um dicionário de Língua Portuguesa qualquer retire uma mancha de palavras, por exemplo: azul, cadeira, descansar, poeta. Coloque-as num copo misturador, junte uma pitada de sintaxe e outras coisas que tais. Agite até ficar tudo muito bem misturado. No final, deite o preparado com muito cuidado numa folha de papel branco. Está pronto, por exemplo: a cadeira do poeta descansa no azul. Se não lhe agradar, pode sempre repetir a operação, juntando ou não mais palavras. Serve-se a frio, a qualquer hora do dia e em qualquer ocasião. É ideal para impressionar os amigos. Deve beber-se de um trago.»

A poesia

Acima de tudo, Luís Ene é um poeta. Um poeta ativista. Um ativista da poesia. Promove encontros, festivais, programas de rádio, *performances*, enfim, uma série de iniciativas que dão voz aos poetas e à poesia. Onde ler o que escreve? Onde ouvi-lo? É seguiu no mundo virtual (luis-ene.blogspot.pt) e descobrir onde vai haver uma próxima atividade ou ler um poema recente. Vale sempre a pena.

ENIGMA

Porque em tudo procuras um sentido quando és tu que dás um sentido a tudo?

AGENDAR



“FLORES POLACAS EM PORTUGAL”

Até 14 FEV | Centro de Experimentação e Criação Artística de Loulé

Exposição de artistas polacos que criam em Portugal e que, pelas cores, visões, formas, memórias e sonhos, constituem um ramo de ‘Flores Polacas em Portugal’



“FILME: UMA QUESTÃO DE CONFIANÇA”

18 FEV | 21.00 | Biblioteca Municipal de Lagos

Maria é uma rapariga de 16 anos. No dia em que anuncia aos pais que está grávida e pretende desistir do liceu, o pai morre instantaneamente de ataque cardíaco, o namorado acaba com ela e a mãe expulsa-a de casa